



INFÂNCIA E EDUCAÇÃO NA ENCICLOPÉDIA NOSSAS CRIANÇAS (1970)

Bianca Nascimento de Freitas¹

Manuelle Araújo da Silva²

Resumo: A política educacional, no período concernente à ditadura civil-militar, objetivou formar um ideal de sujeito saudável, equilibrado e virtuoso. Indivíduos que, ao se tornarem adultos, deveriam servir a um Brasil que almejava um pretense progresso. O cidadão, devidamente estável, seria resultado de uma criança educada de forma adequada, inserida em uma família harmoniosa e em uma escola que estivesse afinada com o mesmo discurso. Esta pesquisa objetiva refletir, centralmente, como um ideal de criança estava sendo gestado na sociedade brasileira dos anos 1970. A ênfase desta investigação circunda elos entre a educação formal e não formal, debruçando-se sobre a fonte de pesquisa intitulada Enciclopédia Nossas Crianças, publicada pela editora Abril, a partir da década de 1970. A referida enciclopédia unia os mais diferentes temas relacionados aos cuidados e às orientações para o trato com a criança em diferentes âmbitos, desde instruções para a organização de brincadeiras e lazer, noções de higiene e até mesmo orientações psicológicas, para ajudar “pais e educadores a enfrentarem os pequenos problemas do dia a dia”. A seção destinada à vida escolar apresentava temas como métodos de alfabetização, tipificação de alunos, avaliações, educação física, educação moral e cívica, estudos sociais, currículos do primário e ginásial, entre outros elementos. Portanto, há também, na Enciclopédia Nossas Crianças, discussões direcionadas aos docentes, por intermédio de temáticas relacionadas ao seu campo de atuação. Buscava-se explicitar o que cabia aos professores e aos pais, dentro do processo de formação das crianças. Pode-se concluir, a partir das análises desta pesquisa em desenvolvimento, que os discursos de Nossas Crianças se articulavam a ideais e debates mais amplos sobre um projeto educacional gestado sob a ótica do autoritarismo ditatorial.

Palavras-Chave: Educação, Infância, Enciclopédia Nossas Crianças.

Introdução

No decorrer da década de 1960, após o golpe de 1964, concomitantemente à censura das manifestações culturais de cunho contestatório, houve um acentuado aumento

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Professora da Rede Pública de Educação Básica do município de Fortaleza, atua na área de História da educação, da criança e da família; mestra em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), licenciada em História (UFC). E-mail: biancanascf@gmail.com;

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE), atua no setor de Pesquisa Educacional; mestra em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC); licenciada em História (UFC) e Pedagogia (UECE). E-mail: manuelle.araujo@uece.br.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAECIUECE - CRATEÚS**

das publicações didáticas, muitas vezes facilitadas por iniciativas dos governos militares ao empresariado. Entretanto, produções desse tipo são comuns no Brasil desde o início do século XX, mas só se tornaram mais populares no início dos anos 50. Apesar de o número de analfabetos no Brasil ainda ser muito destacado à época, o intenso consumo desse tipo de publicação, sobretudo após o golpe de 1964, sugere que havia um mercado editorial que se interessava pela formação, em sentido amplo, das crianças brasileiras.³

Tratava-se de um período extremamente competitivo em relação ao mercado editorial e publicitário, quando sujeitos como Roberto Marinho, Assis Chateaubriand e Victor Civita se tornaram renomados. Esse último tornou-se famoso pelo comando da Editora Abril, no início da década de 1950, construindo um império editorial que se destacou como o maior grupo editorial da América Latina, com a proposta de levar o conhecimento e a cultura de modo simples e sintetizado para as classes menos abastadas à preços acessíveis.⁴ Essa proposta só foi possível porque, nos anos 50, novas técnicas de apresentação gráfica e inovações na linguagem da imprensa foram inseridas, com a influência do jornalismo norte-americano, que embora não excluísse, colocava as pautas políticas em um segundo plano.

Nesse período, as enciclopédias eram vistas como um modo de ostentar conhecimento. As estantes que se encontravam preenchidas pelos mais diferentes tipos de enciclopédias eram motivo de orgulho para o dono da casa, pois significava que este estava antenado com os mais diversos assuntos discutidos na época, sugerindo aquisição de conhecimento científico. Comprar e vender enciclopédias era socialmente visto de uma maneira bastante positiva.

Nos prefácios das enciclopédias, era comum que os editores expressassem como se sentiam por colaborar com o crescimento da ciência e a difusão do conhecimento

³ Segundo o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), em 1960 a taxa de analfabetismo entre brasileiros acima de 15 anos de idade ainda era de 40% e o número de analfabetos total chegava a 46%. Fonte: INEP- Estatísticas da Educação Básica no Brasil, extraído do Relatório para a Conferência Internacional de Educação em Genebra, (1996).

⁴ No início dos anos 1970, circulava nas publicações da Abril uma propaganda que colocava em evidência a sua conhecida logomarca: a árvore. Tendo em destaque a frase “*As sementes que esta árvore já espalhou, há muito dão bons frutos a este país*”, a publicidade tratava dos mais de 300.000.000 de fascículos editados e vendidos pelo grupo. Na campanha, o sucesso da editora era creditado a duas razões: “a primeira é que o nosso país tem uma enorme vontade de aprender. A segunda é que faltava alguém que tornasse a cultura acessível para todos. Foi o que a Abril fez.”.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/JUECE - CRATEÚS**

no Brasil. As enciclopédias eram também símbolo de conhecimento e cultura entre as famílias de classe média e carregavam consigo princípios, modelos e regras que validavam um determinado padrão de sociedade, utilizando a educação como meio de atualizar e preparar os brasileiros para o Brasil moderno, proclamado nos discursos oficiais dos anos 1960-70.

As enciclopédias eram vendidas de porta em porta ou oferecidas nas escolas. Apesar de hoje as enciclopédias cumprirem um outro papel⁵, antes elas eram famosas por trazerem, além dos conteúdos escolares, temas relacionados à higiene, à saúde, ao comportamento, à família e tudo o que fosse relacionado ao universo da criança e ocupava um lugar central nesse debate. Não se tratava apenas de listar determinados assuntos por ordem alfabética, mas de classificá-los, dividi-los e dar visibilidade a determinados temas em detrimento de outros.

As enciclopédias apresentavam um método próprio de ordenação e concatenação do conhecimento. A classificação não é uma ação aleatória, mas um exercício de poder, é estabelecer categorias e policiá-las. Conforme afirma Darnton (1986, p. 249), ao tratar da construção da Enciclopédia Iluminista, organizada por D'Alembert e Diderot, “toda ação social flui através de fronteiras determinadas por esquemas de classificação”.

Considerando-se o número de produções historiográficas sobre a educação no regime militar, pensamos ser crucial o estudo de outros instrumentos utilizados como suporte para a educação não necessariamente formal, e que circulavam legitimados por outras finalidades. Nessa perspectiva, visamos compreender, a partir da análise da Enciclopédia Nossas Crianças, como um ideal de infância e educação estava sendo gestado na sociedade brasileira dos anos 1960-70, dialogando com outras produções semelhantes.

É nesse momento de expansão do mercado editorial brasileiro que a Abril se destaca entre os grupos de comunicação nacionais. A editora iniciou suas publicações com a revista O Pato Donald em 1950. Contudo, o grande desejo de Victor Civita,

⁵ As enciclopédias digitais e de código aberto, utilizam diferentes métodos de coleta e verificação de dados, sendo a Wikipedia a mais conhecida dentre as enciclopédias online, a qual é construída paulatinamente na Web. Estas produções permitem aos usuários acessar conteúdos de maneira rápida e gratuitamente.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

proprietário do grupo editorial em questão, era editar títulos nacionais. Foi assim que em poucos anos o grupo Abril conquistaria a liderança praticamente em todos os segmentos editoriais do país (MARTINS; LUCA, 2008). Segundo Pereira (2005), entre 1968 e 1982, a Abril vendeu mais de um bilhão de fascículos, 30 milhões de romances e 11 milhões de enciclopédias, como a Conhecer (1966), Medicina e Saúde (1967) e a Mitologia (1973).

Uma enciclopédia com resposta para todos os seus problemas: a trajetória de Nossas Crianças

Em meio a tantos títulos surgiu, em 1970, a enciclopédia Nossas Crianças em uma “coleção de 90 fascículos, cada um com 16 páginas internas, mais 4 páginas de capa”. A enciclopédia unia os mais diferentes temas relacionados aos cuidados com a criança, desde noções básicas de higiene até a pediatria para ajudar “pais e educadores a enfrentarem os pequenos problemas do dia a dia”. Ao final, Nossas Crianças formava 6 volumes de 15 fascículos cada, tendo ainda um volume à parte, o sétimo, formado pelas 4 páginas de capa, intitulado O Desenvolvimento da Criança, analisando as transformações que ocorrem desde a concepção até a puberdade. Nossas Crianças se apresenta com o intuito de reforçar o compromisso assumido pela Abril de abranger o máximo de conteúdo possível sem perder o rigor científico.

Tratava-se, pois, de uma obra completa e esse argumento foi profundamente explorado pela editora Abril, com propagandas de páginas inteiras em revistas como a Realidade⁶, que apontava Nossas Crianças como a enciclopédia que viria com respostas para muitos dos problemas que os pais passavam no dia a dia. Como descrito na imagem abaixo, a obra trata do bebê antes mesmo de nascer, passando pelas fases de engatinhar, correr, andar de bicicleta, ter interesses sexuais, até seus momentos na escola, onde Nossas Crianças ensina como a criança aprende a aprender. Os verbetes sobre a vida escolar são, inclusive, um ponto bastante relevante na publicação.

⁶ *Realidade* foi uma revista mensal publicada pela Editora Abril que circulou de 1966 a 1976, que trazia grandes reportagens com altíssima qualidade, focando no fotojornalismo, com assuntos variados e muitas vezes com edições especiais, como a que abordou a mulher brasileira em 1967.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE
TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!
02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

Figura 1 - Propaganda de Nossas Crianças que circulava na revista Realidade em 1970

“Nossas Crianças” tem resposta para muitos dos seus problemas.

O desenvolvimento da criança

Para tornar crianças melhores, mais saudáveis, mais felizes, mais capazes de enfrentar a vida, a família deve proporcionar-lhes um ambiente adequado. Isso envolve a nutrição, a educação, a estimulação intelectual e a atenção aos aspectos físicos e psicológicos da criança.

Vida Escolar

Para que a criança tenha uma vida escolar saudável, é necessário que a família esteja atenta às necessidades da criança em relação ao aprendizado, à disciplina e à formação de hábitos.

Obstetrícia

Para que a criança seja bem cuidada desde o nascimento, é importante que a família esteja atenta às recomendações da obstetriz e da enfermeira.

Recém-nascido

Para que o recém-nascido tenha uma vida saudável, é importante que a família esteja atenta às necessidades da criança em relação à nutrição, à higiene e à estimulação.

Doenças Infantis

Para que a criança não seja afetada por doenças infantis, é importante que a família esteja atenta às recomendações da médica e da enfermeira.

Higiene e Crescimento

Para que a criança tenha uma vida saudável, é importante que a família esteja atenta às necessidades da criança em relação à higiene, à nutrição e à estimulação.

Emergência

Qual é a resposta para os problemas de emergência das crianças? A resposta é: a família deve estar atenta às necessidades da criança em relação à nutrição, à educação e à estimulação.

Lazer

Uma criança precisa brincar, jogar, aprender a lidar com a frustração. Para proporcionar ao seu filho um lazer saudável, é importante que a família esteja atenta às necessidades da criança em relação à nutrição, à educação e à estimulação.

Psicologia

Para que a criança tenha uma vida saudável, é importante que a família esteja atenta às necessidades da criança em relação à nutrição, à educação e à estimulação.

“Nossas Crianças” a obra mais consultada da sua estante.

“Nossas Crianças” é uma coleção de 10 fascículos, cada um com 14 páginas, que aborda os principais problemas das crianças e oferece soluções práticas e eficazes. A coleção é a obra mais consultada da sua estante e é a melhor opção para quem quer cuidar melhor da criança.

Fonte: Realidade [...] (1970).

O anúncio de Nossas Crianças na revista Realidade aborda ainda, como já citado anteriormente, o rigor científico da enciclopédia, ao trazer pesquisadores de renome para produzir os mais diversos verbetes da obra. Formado em sociologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Pedro Paulo Poppovic atuou como gerente geral da Abril Cultural S/A, que incluía entre as mais de 180 obras publicadas, fascículos que deram origem às enciclopédias como Nossas Crianças. Seu nome consta no editorial como, mais precisamente, Diretor da Divisão de Fascículos. Em entrevista a Antônio Abujamra, no programa Provoações que foi ao ar pela TV Cultura em 09 de outubro de 2009, Pedro Paulo Poppovic relata que, quando



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

aceitou o convite de Victor Civita, o grupo Abril necessitava de intelectuais que pudessem orientar os projetos dos fascículos e, segundo o sociólogo, esses pensadores “estavam todos na USP”. Com a ditadura militar que o país enfrentava naquele momento, os professores que figuravam entre os mais renomados e criativos daquela Universidade foram demitidos, sendo essa a oportunidade para que Pedro Paulo Ihes oferecesse a função de assessores na produção dos fascículos que a Abril buscava produzir.

Assim, nomes como o do filósofo José Arthur Giannotti, do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, da dramaturga e escritora Maria Adelaide Amaral e dos historiadores Boris Fausto, Sérgio Buarque Holanda, bem como o de Jacob Gorender apareceram entre os colaboradores da enciclopédia. Além desses pesquisadores, médicos, psiquiatras e psicólogos como Eduardo Marcondes, Dulce Vieira Marcondes Machado e Maria Cecília Silveira Bueno também estavam entre os intelectuais participantes da produção de *Nossas Crianças*. Assim, sob a legitimação do rigor científico, os verbetes se tornavam verdades inquestionáveis, e não apenas conselhos direcionados aos pais e educadores, que eram o público alvo dos fascículos.

Em 1970, na apresentação do volume 1 de *Nossas Crianças*, Victor Civita descreve a criança como um ser que precisa de cuidados especiais e diz que a editora se orgulha de estar auxiliando os pais a cuidar e educar os filhos. Para ingressar na vida adulta, a criança deveria ser cautelosamente preparada para obter sucesso: “cuidar, compreender e educar são missões que competem principalmente aos pais.”⁷ Contudo, *Nossas Crianças* estaria ali sempre que preciso para orientar as famílias nos impasses mais importantes de seus cotidianos.

Vida escolar: Nossas Crianças e a preparação para a vida adulta

Apesar dos verbetes sobre arte, brincadeiras e lazer em geral, não podemos deixar de mencionar a importância dos artigos que tratam da criança em idade escolar,

⁷Todos os fascículos e enciclopédias produzidos pela editora Abril eram assinados por Victor Civita, pois, assim, o grupo editorial construía mais uma estratégia de convencimento do cliente. Tal atitude dava ao produto comercializado um simbolismo, sendo ao mesmo tempo uma mercadoria fabricada pela indústria e, portanto, submetida a lógica do lucro, e um objeto cultural detentor de diversos simbolismos. (PEREIRA, 2005).



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

mas preparando-a para a idade adulta, onde constituiriam família, teriam filhos, atuariam em alguma área profissional e se tornariam, como firmou Victor Civita, homens sadios que contribuem para a grandeza do Brasil. Todos esses quesitos, que parecem escolhas pessoais, de como cada indivíduo deseja viver sua vida, na verdade era tido como algo integrado à sociedade. Assim, as escolhas de cada menino e menina impactariam diretamente na vida social.

Como podemos perceber no artigo “Como escolher uma profissão”, antes mesmo de eleger uma atividade profissional, ao final do curso ginásial, quando as crianças deveriam optar por qual área de atuação estavam mais inclinadas, já se iniciava o drama da vida profissional. Isso porque muitas crianças não pensavam nesse assunto ou não eram devidamente orientadas até o dia da decisão e acabavam por optar futuramente, segundo a enciclopédia, por cursos da moda como medicina e direito, ou as mais fáceis, como pedagogia ou história. A decisão em relação ao futuro profissional das crianças é colocada de maneira bastante séria, como uma resolução que não poderia ser conduzida de qualquer maneira ou adiada para uma idade mais avançada. Deveria ser pensada e analisada logo na infância:

Escolher mal a profissão, significa comprometer dois terços da existência, uma vez que o trabalho ocupa em média de trinta a quarenta anos a vida do homem. Por isso uma falha nessa área vai se refletir não só no próprio indivíduo, como na sociedade, pois o trabalho, além de constituir uma forma de realização pessoal, é também uma função social (Nossas [...], 1973, v. 6, p. 1435).

Nesse sentido, família e escola deviam, juntas, criar mecanismos para que a criança pudesse treinar seu hábito de escolher. Em casa, desde a compra de uma roupa, pesando os prós e os contras, a escolha das brincadeiras e da divisão do tempo de lazer e estudo, tudo isso faria com que a criança e, depois, o jovem estivesse habituado a fazer boas análises e, portanto, boas escolhas. Já a escola poderia ajudar na prática das boas escolhas de diferentes formas, através das várias áreas de estudo:

Na “escola renovada”, os adolescentes são orientados individualmente, segundo as aptidões e interesses de cada um e as perspectivas profissionais no mercado de trabalho. Através de aulas dialogadas, pesquisas bibliográficas (livros, jornais e revistas), e pesquisas de campo (visitas e entrevistas) são colhidas informações necessárias acerca das escolas e das profissões (Nossas [...], 1973, v. 6, p. 1435).



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

A instituição escolar deveria estar afinada com a família nessa fase de crescimento das crianças, auxiliando-a na escolha dos estudos e da futura profissão, alinhada com a escola moderna, pois, segundo Nossas Crianças, a escola que não proporcionasse aos estudantes, durante os cursos primários e ginasiais, um processo contínuo de autoconhecimento para que cada estudante fosse tomando consciência de fato de suas aptidões e limites, poderia contribuir futuramente para uma vida cheia de frustrações. É notável, assim, o peso que se dava à escola nesse processo, mesmo ainda no ensino primário, quando os estudantes ainda eram crianças.

Outro ponto que não podia esperar até a vida adulta, era a preocupação com os problemas da sociedade. Aqueles que achavam que as crianças deveriam apenas ir à escola e se divertir estavam indo totalmente de encontro aos objetivos da educação moderna. O então ensino atual, pretendia, segundo a enciclopédia, não somente informar, mas também formar a personalidade da criança, desenvolvendo um indivíduo consciente. Esse indivíduo deveria conhecer a sociedade em que vive e dela participar, tendo ainda a preocupação de modificá-la para melhor, criando na criança um senso de coletividade. A criança deveria vivenciar, desde cedo, valores como justiça, amor, dignidade humana, igualdade, verdade e liberdade.

Portanto, mais uma vez, a escola tinha um papel de destaque nessa formação, sendo o professor o principal condutor desse processo. Era o professor quem deveria vivenciar e demonstrar na prática esses valores para as crianças. Como isso seria realizado? A 12 de setembro de 1969, o governo militar instituiu a disciplina de educação moral e cívica como obrigatória em todas as escolas:

De acordo com o decreto governamental, a disciplina tinha como finalidade a defesa do princípio democrático, através da preservação do espírito religioso, dignidade humana, amor à liberdade, e fortalecimento dos valores éticos de nacionalidade. O decreto estabelecia ainda que com o ensino da disciplina pretendia se desenvolver a solidariedade humana e o ideal de fortalecimento da unidade nacional (Nossas [...], 1973, v. 5, p. 1238).

Para que esses objetivos fossem atingidos, foi de grande importância o culto às grandes personalidades, então presentes no currículo, à pátria, aos seus símbolos e às instituições. Além disso, segundo o decreto federal, o estudante conheceria a organização social, econômica e política do seu país, preparando as crianças desde cedo para as atividades cívicas, consciente de que deveria ser um cidadão obediente às leis.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/JUECE - CRATEÚS**

Considerações Finais

Pode-se dizer que havia uma preocupação do governo e da sociedade em geral em formar crianças que estivessem dentro de um padrão, que deixassem sua individualidade em segundo plano para abraçar a causa da coletividade e da unidade nacional. Apesar de se mencionar as habilidades pessoais, as aptidões e os desejos de cada criança, o que existia era uma tentativa de normalização e padronização. Quanto mais dóceis e obedientes fossem desde cedo, mais fácil seria de preservar o modelo político, social e econômico da ditadura, um regime no qual não havia espaço para o diferente.

No prefácio de *Nossas Crianças*, Victor Civita descreve a criança como um ser pequeno, estranho e maravilhoso, que precisa ser cuidado. Entretanto, percebemos que os ensinamentos da enciclopédia, em diálogo com a sociedade e o governo da época, tratam a criança como um ser que deve ser massificado. A presença de médicos, psiquiatras, psicólogos e pedagogos só demonstra como naquele momento a ciência poderia estar aliada também à constituição de padrões que deveriam ser seguidos. A educação para o trabalho e o ensino de moral e cívica são apenas exemplos de como esse processo era realizado. Todos aqueles que não estavam dentro dos padrões exigidos sofriam as consequências.

Embora se tratasse de um estudo “profundo e acessível da Psicologia do Desenvolvimento”, como afirmou Civita, esse desenvolvimento deveria ser direcionado e regrado. Não por acaso, o empresário explicita sua felicidade em estar não apenas vendendo fascículos que futuramente virariam enciclopédias, mas também de estar cumprindo uma missão: entregar aos pais e aos educadores um manual pronto para o cuidado das crianças, além de ajudar a moldar homens sadios e bem formados para a maior grandeza do Brasil de amanhã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/JUECE - CRATEÚS

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARTON, Robert. **O grande massacre dos gatos** e outros episódios da história cultural francesa. São Paulo: Graal, 1986.

DEL PRIORE, Mary Del (Org.). **História social da criança no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Marcos Cezar de; BICCAS, Maurilane de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996)**. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

NOSSAS CRIANÇAS. São Paulo: Abril, 1972-1973.

PEREIRA, Mateus H. F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 239-258, jul./dez. 2005.

PEREIRA, Mateus H. F. **A máquina da memória/Almanaque Abril**: o tempo presente entre a história e o jornalismo. Bauru: EDUSC, 2009